

## AUTONOMIA E ORIENTAÇÃO ESPORTIVA NO COMPORTAMENTO MORAL DE ATLETAS DE RENDIMENTO

### Leonardo Pestillo de Oliveira

Doutor em Psicologia Social. Docente permanente do Programa de Pós-graduação em Promoção da Saúde da Universidade Cesumar – UNICESUMAR. Bolsista Produtividade em Pesquisa do Instituto Cesumar de Ciência, Tecnologia e Inovação (ICETI), Maringá (PR), Brasil.

### João Ricardo Nickenig Vissoci

Doutor em Psicologia Social. Pesquisador na divisão Emergency Medicine do departamento de Cirurgia e Duke Global Health Institute (DGHI) – Duke University, Carolina do Norte, EUA.

### Valdilene Wagner

Mestre em Promoção da Saúde. Doutorado em andamento no Programa de Pós-graduação em Educação Física associado UEM/UEL, Maringá (PR), Brasil.

### Antonio da Costa Ciampa

Doutor em Psicologia Social. Docente associado do Programa de Pós-graduação em Psicologia Social da PUC/SP, São Paulo (SP), Brasil.

**RESUMO:** Este estudo propõe um Modelo Explicativo de Moral no esporte verificando a percepção de autonomia e sua influência no comportamento pró e antissocial nos atletas, mediados pela orientação esportiva. Foram avaliados 180 atletas da Região Sul do Brasil de ambos os sexos participantes em competições nacionais ou internacionais. Os instrumentos utilizados foram: Escala de Satisfação de Necessidades Básicas no Esporte (BNSSS); Escala Multidimensional de Orientação Esportiva (MSOS); e Escala de Comportamento Pró-social e Antissocial no Esporte (PABSS). Os dados foram analisados por meio de um Modelo de Equações Estruturais. Os atletas apresentaram valores elevados de autonomia, julgamento independente, respeito às regras, convenções sociais e comportamentos pró-sociais, com baixos valores de comportamentos antissociais. O modelo de equações estruturais testado demonstra que a orientação esportiva pode ser uma variável mediadora entre a relação da autonomia e principalmente os comportamentos pró-sociais. Conclui-se que uma moral pós-convencional no esporte associada a um movimento autônomo perpassa uma orientação positiva da prática esportiva.

**PALAVRAS-CHAVE:** Autonomia; Desempenho atlético; Moral.

### AUTONOMY AND SPORTSPERSONSHIP ORIENTATION IN THE MORAL BEHAVIOR OF ATHLETES

**ABSTRACT:** This study proposes an Explanatory Moral Model in sport, verifying the perception of autonomy and its influence on pro and antisocial behavior in athletes, mediated by sportspersonship orientation. 180 athletes from the southern region of Brazil of both genders participating in national and international competitions were evaluated. The instruments used were: Basic Sport Needs Satisfaction Scale (BNSSS); Multidimensional Sportspersonship Orientation Scale (MSOS); and Prosocial and Antisocial Behavior in Sport Scale (PABSS). Data were analyzed using a Structural Equation Model. The athletes showed high values of autonomy, independent judgment, respect for the rules, social conventions and prosocial behaviors, with low values of antisocial behaviors. The tested structural equation model demonstrates that sportspersonship orientation can be a mediating variable between the relationship of autonomy and especially prosocial behaviors. It is concluded that a postconventional morality in sport associated with an autonomic movement goes through a positive orientation of sports practice.

**KEY WORDS:** Athletic performance; Autonomy; Morale.

### INTRODUÇÃO

A carreira de um atleta é permeada por diversas situações que se tornam pontos marcantes, sejam eles positivos ou negativos. Todos terão sua história e lidam com ela de forma particular. A cada mudança

**Autor correspondente:**  
Leonardo Pestillo de Oliveira  
E-mail: leopestillo@gmail.com

Recebido em: 05/12/2019  
Aceito em: 12/06/2020

ocorrida em sua vida, novos elementos são adicionados em seu repertório e isso faz com que o mesmo sujeito viva diversas situações representativas no seu percurso histórico. Nesse processo, ocorrem mudanças capazes de provocar constantes metamorfoses emancipatórias<sup>1</sup>.

Os atletas que passam boa parte de sua vida no contexto do esporte de rendimento entram em um aspecto de aprendizagem sobre o processo social competitivo, influenciados pelo ambiente que os cercam e pelas pessoas com as quais se relacionam; desse modo, a competição em si não se faz inerentemente boa ou má, mas sim um processo que se manifesta em uma estrutura convencionalizada, em que as normas restritas da vida diária são colocadas de lado em favor de normas morais típicas. Com isso, o próprio comportamento do atleta se apresenta em favor das regras vigentes no ambiente esportivo, o que muitas vezes é considerado impróprio para a vida em sociedade por estarem em desacordo com as regras morais<sup>2</sup>.

As regras existentes em todo contexto servem para que a organização seja mantida dentro de padrões estabelecidos pelo próprio contexto, tendo como consequência esportes com regras distintas, valores distintos, mesmo que todos visem o mesmo objetivo, que é a vitória. Exemplo disso são as discussões sobre como alguns esportes são mais “tranquilos” e outros mais “violentos” ou “agressivos”, muito comum nos dias atuais nos esportes de luta, em que o comportamento agressivo é necessário para se chegar ao triunfo frente ao adversário. O controle do próprio corpo, o uso da força física e da agressão, estão presentes neste tipo de esporte, mas são considerados comportamentos imorais quando usados fora dele. Porém, no momento da competição servem como preservação do corpo do atleta e se constituem fundamentais para sua identificação com o grupo ao qual pertence<sup>3</sup>.

Essas contradições a respeito do comportamento do ser humano em diversos ambientes chamam a atenção, pois, para que se possa compreender este ser, não basta apenas estudar o seu corpo ou sua origem, é necessário entender como ele se constitui em um contexto sociocultural. A explicação para isso se dá pelo fato de que, durante seu desenvolvimento, os comportamentos inatos (que estão ligados à sua estrutura biológica) são moldados pela atividade cultural de outros com quem se relaciona<sup>4</sup>. Do mesmo modo, o indivíduo nasce e torna-se membro da sociedade, ou seja, é um ser social, que vive em grupo<sup>5</sup>.

Viver em grupo não é uma tarefa simples, no entanto, conviver com grupos que têm diferentes regras e aspectos morais é mais problemático. Tornar-se membro de uma sociedade ou grupo significa fazer parte de uma realidade ao mesmo tempo objetiva e subjetiva. Estes aspectos são reconhecidos se “a sociedade for entendida em termos de um processo dialético, em curso, composto de três momentos, exteriorização, objetivação e interiorização”<sup>5</sup>. No entanto, esses momentos não ocorrem em uma sequência temporal, mas sim simultaneamente, além disso a identidade do Eu só se forma no círculo da identidade de um grupo, e cada grupo tem suas características<sup>6</sup>.

Percebe-se nesse contexto que o ambiente; ou cultura em que o sujeito é educado; exerce influência na sua disposição para assumir atitudes específicas. Na tentativa de entender essas influências é necessário que se descreva quais as estratégias de socialização às quais esse sujeito foi exposto. Todo contexto social é composto por regras, e o sujeito além de conhecer, aceitar e conseguir emitir juízos sobre tais regras precisa saber qual a sua real disposição para agir de acordo com elas. Mas nem sempre essas regras são regulamentadas<sup>7</sup>.

Nesse contexto, o termo comportamento pró-social<sup>8</sup> é utilizado para discutir a questão da capacidade de agir de acordo com os preceitos morais. Esse comportamento se caracteriza por ser aquele que representa uma influência positiva em outras pessoas, não significando benefício para si próprio. Dentro desse contexto se enquadram como comportamentos pró-sociais o altruísmo, a partilha, a cooperação, entre outros. Assim, o desenvolvimento moral pró-social de um indivíduo diz respeito ao processo de aquisição e mudança dos julgamentos e comportamentos que ajudariam ou beneficiariam outros indivíduos ou grupos<sup>9</sup>.

Do ponto de vista teórico<sup>10</sup> o tema moral pode ser compreendido sob uma perspectiva social de sua inserção dentro do contexto esportivo. A teoria baseada em níveis de desenvolvimento da consciência moral; se expressa em juízos sobre conflitos de ação moralmente relevantes. No âmbito esportivo, muito se discute a respeito de como a prática esportiva leva a atitudes de crianças e adolescentes que são condizentes com a moral social, pois a partir disso desenvolvem, por exemplo, a capacidade de respeitar o próximo, respeitar as regras, e lidar melhor frente à figura de autoridade. Mas alguns esportes acabam sendo alvo de críticas a respeito da forma como são conduzidos,

pois ao serem considerados esportes violentos, em que a agressividade é sinônimo de sucesso, pais e responsáveis acreditariam que este mesmo comportamento poderia ser levado para fora do ambiente esportivo.

Desse modo, para complementar a compreensão da moral no esporte, considerado aqui como os comportamentos pró e antissociais, foi desenvolvido um modelo explicativo com o objetivo de apresentar aos profissionais da área como os atletas raciocinam e se comportam cognitivamente verificando a percepção de autonomia e sua influência no comportamento pró e antissocial nos atletas, mediados pela orientação esportiva. Este estudo parte da investigação científica para compreender como a percepção de autonomia influencia na capacidade de agir de forma pró-social quando mediada pela orientação esportiva.

Dessa forma, a hipótese central deste estudo é a de que; uma moral pós-convencional<sup>10,11</sup> no contexto esportivo, quando associada a um movimento autonômico, perpassa uma orientação positiva da prática esportiva. Uma

das formas de se investigar essa hipótese é considerar que o conceito de moral precisa ser compreendido em uma perspectiva multifacetada, identificando elementos individuais e sociais que levam o atleta a desenvolver autonomia.

## METODOLOGIA

A metodologia descrita a seguir, relaciona-se ao objetivo deste estudo que é o de propor um Modelo Explicativo de Moral no esporte, verificando a percepção de autonomia e sua influência no comportamento pró e antissocial nos atletas, mediados pela orientação esportiva. Esse modelo foi testado a partir da definição de competência moral: “a capacidade de tomar decisões e emitir juízos morais (baseados em princípios internos) e agir de acordo com tais juízos” (p. 425)<sup>11</sup>. A Figura 1 demonstra o modelo das relações hipotético-preditivas a serem testadas.

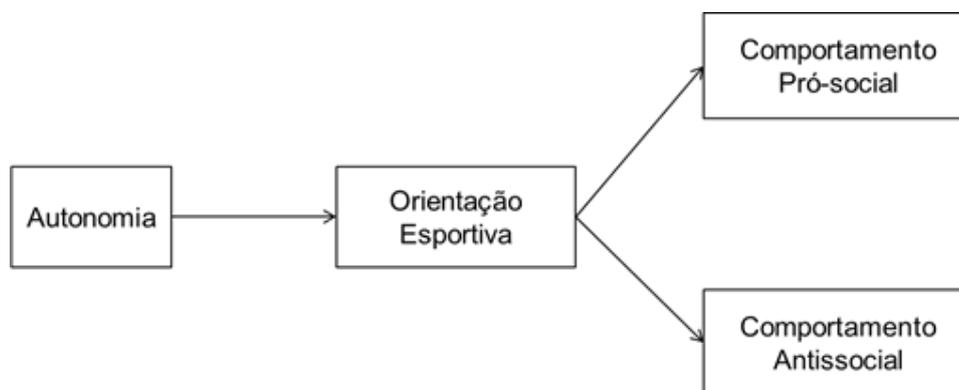


Figura 1. Modelo Hipotético: impacto da competência moral no comportamento do atleta.

O desenvolvimento desse Modelo Hipotético ocorreu a partir da compreensão do conceito de competência moral. Sendo assim, optou-se por selecionar alguns instrumentos de medidas psicológicas que pudessem abranger todas as características desse conceito.

A Capacidade de Tomar Decisões foi avaliada a partir de um instrumento que nos fornece a dimensão Autonomia (AUT), descrita como a capacidade do sujeito de ponderar os atos a partir de seus próprios critérios. A Capacidade de Emitir Julgamentos Morais foi avaliada a partir de uma variável chamada de Orientação para a Prática Esportiva (OR) que corresponde à capacidade do atleta em emitir seus julgamentos em relação a situações específicas do contexto esportivo que dizem respeito a regras e relacionamentos com companheiros de equipe

e adversários. Já a capacidade de agir com relação a esses julgamentos foi avaliada pelas dimensões Comportamentos Pró e Antissocial (PRO, ANTI) direcionados aos companheiros de equipe e adversários esportivos, comportamentos esses que podem colaborar ou prejudicar cada um dos envolvidos no processo.

Este estudo classifica-se como uma pesquisa quantitativa, sendo que o Modelo de Equações Estruturais (MEE) é um método estatístico multivariado avançado que permite testar de forma empírica modelos teóricos complexos. Mais especificamente, a partir de um modelo teórico o pesquisador será capaz de testar, graças ao MEE, como um conjunto de variáveis define os construtos ou conceitos, e como essas variáveis e conceitos se relacionam entre si<sup>12</sup>.

## PARTICIPANTES

Fizeram parte deste estudo 180 atletas de diversas modalidades esportivas que tenham participado de competições nacionais e/ou internacionais ao longo de sua carreira. Algumas equipes foram contatadas para solicitar a participação dos atletas na pesquisa. Os esportes abordados foram: basquete, vôlei, *jiu-jitsu*, *muay-thai*, *taekwondo*, natação, handebol, beisebol.

## INSTRUMENTOS

Escala de Satisfação de Necessidades Básicas no Esporte<sup>13</sup>. Instrumento validado para o Brasil por Nascimento Junior (2018) que avalia as percepções do atleta sobre sua competência, autonomia e relacionamento no contexto esportivo. É composto por 12 itens distribuídos em 3 dimensões: a) Competência (Itens 5, 6, 7 e 10); b) Autonomia (Itens 1, 2, 3, 8 e 9); e c) Relacionamento (Itens 4, 11 e 12). Desse Instrumento foi utilizada apenas a dimensão Autonomia (AUT). De acordo com os autores do estudo de validação para o idioma português-Brasil, os índices de ajuste do modelo testado apresentaram valores próximos aos níveis recomendados, o que suporta a adequação do modelo.

Escala Multidimensional de Orientação Esportiva<sup>14</sup>. Esse instrumento está em processo de validação para o Brasil concomitantemente à realização dessa pesquisa. O mesmo avalia a orientação dos atletas a questões relativas ao esporte. É composto por 25 itens em escala tipo Likert de 5 pontos, divididos em 5 dimensões: a) Respeito por convenções sociais no esporte (itens 1, 6, 11, 16 e 21); b) Respeito pelas regras e juizes (itens 2, 7, 12, 17 e 22); c) Respeito pelo comprometimento direcionado à participação esportiva (itens 3, 8, 13, 18 e 23); d) Respeito pelo adversário (itens 4, 9, 14, 19 e 24); e) Abordagem negativa direcionada à prática esportiva (itens 5, 10, 15, 20 e 25). A partir das dimensões consideradas positivas (a, b, c, d) estabeleceu-se uma variável latente chamada de Orientação para a prática Esportiva (OR).

Escala de Comportamento Pró-social e Antissocial no Esporte<sup>15</sup>. Esse instrumento está em processo de validação para o Brasil concomitantemente à realização dessa pesquisa. É composto por 20 itens que avaliam os comportamentos pró e antissociais no esporte, que são respondidos em uma escala tipo Likert de 5 pontos, divididos em 4 dimensões: a) Comportamento Pró-social

direcionado aos companheiros de equipe (itens 1, 8, 12 e 15); b) Comportamento Pró-social direcionado aos adversários (itens 4, 6 e 10); c) Comportamento Antissocial direcionado aos companheiros de equipe (itens 3, 7, 11, 14 e 18); d) Comportamento Antissocial direcionado aos adversários (itens 2, 5, 9, 13, 16, 17, 19 e 20). Cada dimensão é avaliada de acordo com a média das respostas aos itens que a compõem, sendo que valores mais elevados nas dimensões significam maior frequência dos comportamentos correspondentes. A partir dessas dimensões foram criadas duas variáveis latentes, uma correspondente ao Comportamento Pró-social (PRO) e uma ao Comportamento Antissocial (ANTI).

## ANÁLISE DOS DADOS

Em um primeiro momento os dados foram analisados e as variáveis apresentadas neste estudo foram avaliadas por meio da estatística descritiva (medidas de tendência central e dispersão). Sendo que estes foram caracterizados como dados não paramétricos, a partir da análise de normalidade realizada por meio do teste Kolmogorov-Smirnov com a correção de Lilliefors. Em seguida foi realizada análise de correlação de Pearson para verificar o quanto as variáveis selecionadas apresentavam relação entre si.

Para verificar a adequação do modelo hipotético, a análise dos dados ocorreu por meio da verificação do modelo testado pelo MEE Modelo de Equações Estruturais - (*Structural Equation Modeling* - SEM), mais especificamente Análise de Trajetórias (*Path Analysis*). O MEE foi escolhido por alguns motivos: 1) permite realizar uma série de análises de regressão múltipla; 2) permite testar modelos globalmente ao invés de apenas coeficientes individuais; 3) permite testar modelos com variáveis mediadoras<sup>16</sup>. Nesse sentido, o MEE foi utilizado para testar as hipóteses descritas pelo modelo conceitual (Figura 1). A qualidade de ajustamento do modelo estrutural foi avaliada através da significância dos efeitos<sup>17</sup> diretos, indiretos e totais por meio dos testes  $\chi^2$ . As análises estatísticas foram realizadas com o auxílio do programa linguagem R (*R-Project*) versão 3.0.2, e consideramos estatisticamente significativos os efeitos com  $p < 0,05$ .

## PROCEDIMENTOS

Esse estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos do Universidade Cesumar - (UniCesumar) sob o parecer nº 1.009.268. Todos os atletas assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) no ato da participação dessa pesquisa, autorizando a utilização dos dados para fins acadêmico-científicos.

## RESULTADOS

Para compreender o papel da percepção de autonomia na prática esportiva para os elementos que constituem competência moral em atletas, derivou-se um modelo de equações estruturais. A apresentação dos resultados será feita em dois momentos: 1) análise descritiva e correlação entre as variáveis; e 2) modelo de equações estruturais.

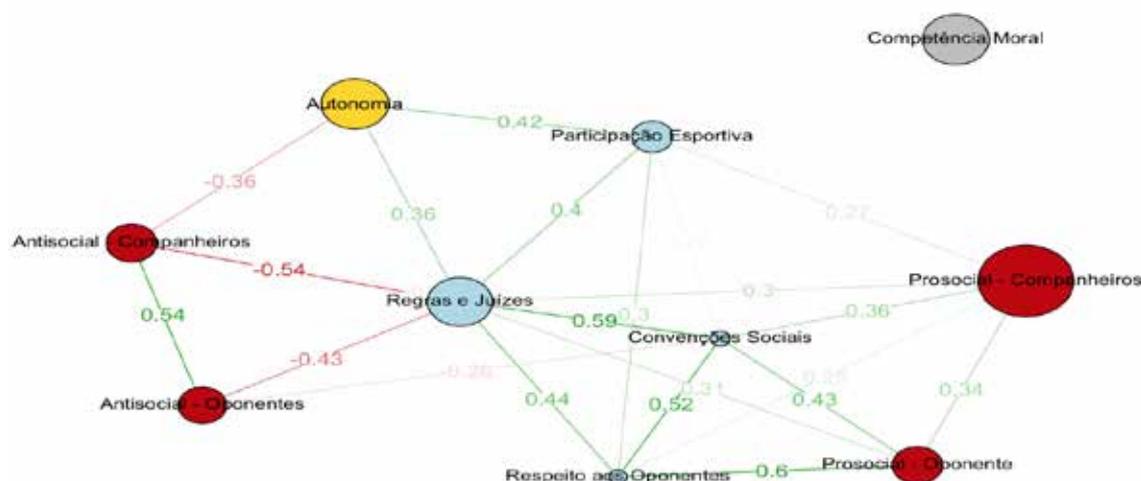
Os atletas que participaram do estudo apresentaram valores elevados de autonomia (Md = 6.6; Q1 = 6.2; Q3 = 7.0), sugerindo alta percepção de satisfação da necessidade de ponderar os atos a partir de seus próprios critérios, formando seu julgamento independentemente da opinião ou pressão do grupo<sup>18</sup>. As características de orientação para a prática esportiva evidenciaram atletas com comportamentos direcionados ao respeito pelas regras e juizes do esporte (Md = 4.2; Q1 = 3.6; Q3 = 4.6), respeito pelo adversário (Md = 3.4; Q1

= 2.8; Q3 = 4.0), comprometimento com participação esportiva (treinamentos, dedicação e competitividade) (Md = 4.2; Q1 = 3.8; Q3 = 4.4), e respeito às convenções sociais do esporte (Md = 3.8; Q1 = 3.4; Q3 = 4.6).

Por fim, sobre o comportamento moral no esporte os atletas relataram comportamentos predominantemente pró-sociais aos companheiros de equipe (Md = 4.5; Q1 = 3.7; Q3 = 4.7) e adversários (Md = 3.3; Q1 = 2.3; Q3 = 3.7), referindo a julgamentos e comportamentos que são direcionados a ajudar ou beneficiar outros indivíduos ou grupos<sup>9</sup>.

Comportamentos antissociais tiveram menor intensidade tanto para companheiros (Md = 2.0; Q1 = 1.4; Q3 = 2.6) quanto para adversários (Md = 1.8; Q1 = 1.5; Q3 = 2.50), na percepção dos atletas. Os valores de competência moral foram baixos (Md = 8.5; Q1 = 4.9; Q3 = 14.4).

Os padrões de associação entre indicadores de autonomia, orientação para a prática esportiva e comportamento pró-social e antissocial estão representados na Figura 2. A rede de variáveis demonstra graficamente a correlação entre os indicadores representados em nodos (círculos). O tamanho dos círculos indica a intensidade da variável e as linhas conectando os nodos (hastes) indicam o coeficiente de correlação (intensidade da haste). Nodos mais próximos têm maior associação em relação a nodos mais distantes. Hastes verdes indicam associação positiva e vermelhas, negativa.



**Figura 2.** Rede de correlação entre as variáveis do estudo. Tamanho dos N = nodos (círculos) indicam a mediana do score da variável.

Cores das hastes indicam a magnitude (intensidade da cor) e direção (verde = positiva, vermelho = negativa) das associações.

**Note:** Autonomia; Participação Esportiva; Regras e Juizes; Convenções Sociais; Respeito aos Oponentes; Antissocial - Companheiros; Antissocial - Oponentes; Prosocial - Companheiros; Prosocial - Oponentes.

Após a verificação da correlação entre as variáveis, realizou-se a análise baseada no Modelo de Equações Estruturais. Inicialmente verificou-se o ajustamento das variáveis observadas às variáveis latentes através de análises fatoriais sequenciais. O modelo de mensuração das variáveis latentes apresentou ajustamento adequado, confirmando os indicadores locais de confiabilidade com trajetórias significativas e de magnitude adequadas. Essa etapa proporcionou evidências suficientes para a condução da análise de modelagem de equações estruturais<sup>16</sup>. A análise foi conduzida partindo do pressuposto no modelo hipotético presente na Figura 1.

Para cada instrumento utilizado presente no modelo foram estabelecidas variáveis específicas para serem testadas em conjunto. A primeira variável estabelecida é a proveniente da dimensão de Autonomia (AUT), presente na Escala de Satisfação de Necessidades Básicas no esporte<sup>13</sup>. A variável mediadora do modelo foi chamada de (a) Orientação para Prática Esportiva (OR), e é formada pela variância conjunta dos escores das dimensões positivas da Escala Multidimensional de Orientação Esportiva<sup>14</sup>. Essa variável refere-se às posturas morais adotadas pelos atletas em relação às convenções sociais, regras, juízes e adversários esportivos. As demais variáveis foram estabelecidas a partir da Escala de Comportamento Pró-social e Antissocial no Esporte (b) Comportamento Pró-social (PRO) - formada pela variância conjunta dos escores das dimensões de comportamento Pró-social direcionado aos companheiros e adversários esportivos; (c) Comportamento Antissocial (ANTI) - formada pela variância conjunta dos escores das dimensões de comportamento antissocial direcionado aos companheiros e adversários esportivos.

Diferentes padrões de estrutura do modelo foram testados até que um modelo com trajetórias significativas ( $p < 0,05$ ), poucos erros, indicadores de ajustamento adequados e coerência teórica foram encontrados. Inicialmente testamos o Modelo 1 com trajetórias significativas e de magnitude moderada ( $FL > 0,40$ ). Esse modelo verificou o impacto de AUT e OR sobre PRO e ANTI, sem adicionar efeitos indiretos de mediação, configurando uma abordagem exploratória das relações preditores entre as variáveis. Contudo, analisando as sugestões dos índices de modificação verificou-se que

AUT tinha um papel de explicação da variância de OR, melhorando comportamento do modelo (índices de ajuste do modelo:  $X^2 = 32.567$ ;  $X^2$  scaled = 0.19; CFI = 0.94; TLI = 0.91; RMSEA = 0.05 (95% 0.00-0.10); SRMR = 0.12; GFI = 0.99; AGFI = 0.99).

Assim, foi construído o segundo modelo (Modelo 2) situando OR como variável mediadora entre AUT e os desfechos PRO e ANTI. Esse modelo foi elaborado a partir da concepção de competência moral<sup>11</sup>. Esse conceito sugere que a competência moral é definida como a capacidade de tomar decisões e emitir juízos morais (baseados em princípios internos) e agir de acordo com tais juízos. De tal forma, AUT exerce o papel de percepção de autonomia para tomada de decisões, OR é a habilidade de emitir julgamentos morais e PRO/ANTI são os comportamentos que indicam a habilidade de agir em função dos julgamentos morais<sup>18</sup>. Portanto, o Modelo 2 representa o impacto de cada elemento do processo de competência moral, avaliando como este se manifesta no contexto esportivo. Especificamente, o objetivo desse modelo foi verificar o efeito da percepção de autonomia, ou Liberdade política<sup>19</sup>, para a capacidade de emitir e indiretamente agir de acordo com julgamentos morais no esporte (Figura 3).

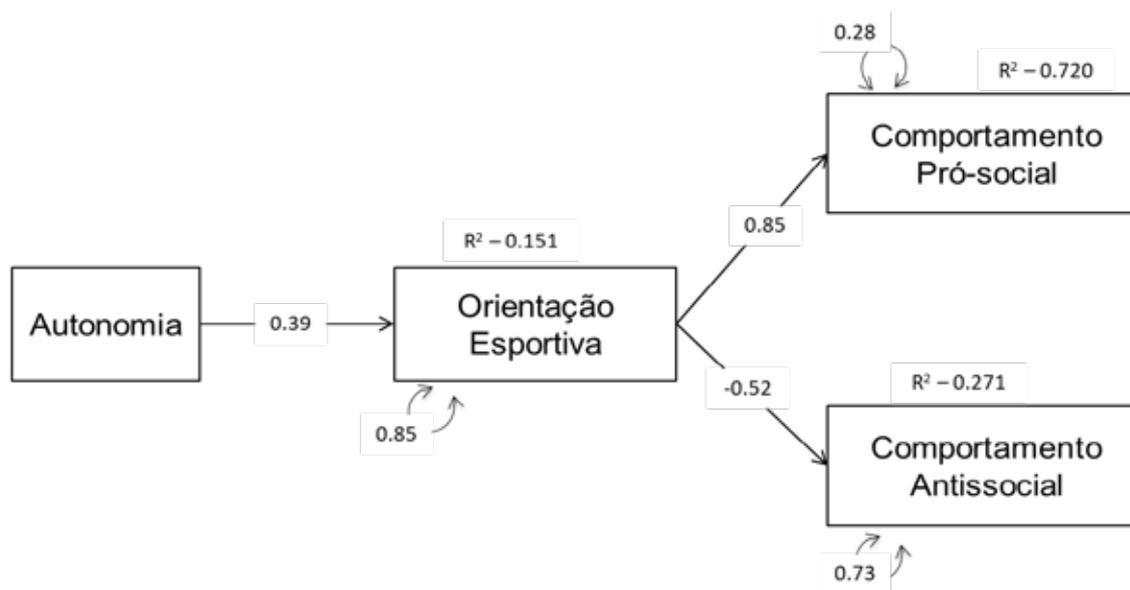


Figura 3. Modelo 2 - Orientação Esportiva como variável mediadora entre Autonomia e os Comportamentos Pró e Antissociais.

## DISCUSSÃO

Dessa maneira evidencia-se que maiores percepções de satisfação de autonomia com a prática esportiva facilitam a capacidade de emitir orientações morais positivas em relação à prática, resultando então em mais comportamentos pró-sociais aos companheiros de equipe e adversários e menos comportamentos antissociais. Esses resultados são inovadores, não foram encontrados estudos estabelecendo relação entre essas variáveis ou sugerindo que uma maior autodeterminação individual reflete comportamentos morais positivos. No entanto, há que se considerar resultados de pesquisas<sup>20</sup> em que os atletas demonstraram maior tendência intrínseca de motivação, sentindo-se estimulados principalmente com as experiências relativas ao contexto esportivo, ou seja, a motivação autodeterminada intrinsecamente se constituiu como fator favorável para atitudes positivas voltadas às convenções esportivas, regras e juízes, influenciando na preocupação e comprometimento com o oponente e na tendência a comportar-se agressivamente<sup>20</sup>.

Assim, este estudo foi capaz de fornecer uma estrutura de análise de dados que é ampla e flexível, sendo possível por meio dela avaliar fenômenos teóricos complexos. Nesse caso, objetivou-se verificar como as variáveis escolhidas se comportavam umas em relação às outras, avaliando as relações entre variáveis observáveis e conceitos latentes.

Compreender como essas variáveis se relacionam dentro de um Modelo Explicativo; torna possível verificar qualitativamente a presença delas no decorrer da vida de um sujeito. Considerando que o desenvolvimento moral é parte do desenvolvimento da personalidade do sujeito<sup>4</sup> e a autonomia em si é resultado de um processo de maturação e descentração do eu e do grupo, realizando o processo de emancipação da autoridade da regra e da coerção do grupo<sup>19</sup> tornando-se mais autodeterminado. Só é possível compreender as ações morais (pró e antissociais) de um sujeito em busca de autonomia; quando mediados pelas orientações morais implicadas no contexto em que está inserido.

As políticas de identidade<sup>1,21</sup> presentes no processo de formação de um atleta levam à compreensão de que o respeito pelas regras e normas esportivas é importante e pode levar às conquistas desejadas, em contradição ao fato de que há uma cobrança e reconhecimento oriundos da ordem sistêmica de busca pela vitória a qualquer custo. O sucesso esportivo não é necessariamente o atleta chegar à vitória, ser famoso, e ser considerado o melhor do mundo, mas poder assumir um papel mais autônomo a partir da participação voluntária no contexto competitivo sentindo prazer na realização da atividade<sup>22</sup>.

Esses pontos nos levam a confirmar uma das hipóteses desse estudo de que uma moral pós-convencional no esporte, associada a um movimento autônomo, passa uma orientação positiva da prática esportiva. Essa

orientação positiva implica sim no respeito pelas regras e convenções esportivas, respeito pelos adversários, pelos juízes e pela própria participação esportiva.

Os valores apontados demonstram que a Amizade representa a busca pelo entendimento do próximo apesar das diferenças. O Respeito inclui o *fair play* (jogo limpo - respeito às regras do jogo); a Honestidade requer sabedoria em relação aos próprios limites principalmente em relação à não corrupção do próprio corpo se negando ao uso de *dopping*. Por fim, a Excelência representa oferecer o máximo esforço para execução perfeita de uma tarefa, tanto no esporte quanto na vida, participando e progredindo de acordo com seus objetivos. Esses valores sugerem que o sujeito-atleta pode apresentar comportamentos mais autônomos e emancipados a partir do momento em que tem a liberdade de escolha e suas ações são determinadas por forças internas em direção a um movimento moral libertário<sup>11</sup>.

Essa ideia de orientação positiva não recai em um moralismo de discurso, pois uma orientação negativa não expressa ir contra as convenções, mas sim ir a favor do agir instrumental<sup>19</sup> e manutenção do *status quo* do sucesso e reconhecimento social, financeiro e burocrático deste atleta. Exemplificando essa orientação negativa tem-se que o uso de *dopping*, a violência, o quebrar regras, a busca inescrupulosa pela vitória são ações que dificultam a expressão de uma identidade e moral pós-convencional<sup>10</sup>.

Evidências na literatura têm apontado que atletas mais autodeterminados ou motivados internamente para a prática apresentam comportamentos mais ajustados às regras do esporte e às convenções sociais do contexto<sup>23</sup>. Por outro lado, elementos de controle externo, menos autodeterminados, são mais prevalentes quando o foco não é o sucesso esportivo, mas a vitória a qualquer custo, estando associado a comportamentos fora das regras, agressividade e uso de substâncias ilícitas para melhorar o desempenho<sup>20,24</sup>.

O desenvolvimento de uma identidade pós-convencional, ou seja, uma identidade capaz de antecipar uma forma de vida no sentido de autonomia, com valores e normas ainda não estabelecidos<sup>4</sup> não significa uma autonomia completa do sujeito. A identidade passa a ser concebida como uma busca pela emancipação, que poderá ser alcançada ou não. A realização de projetos emancipatórios é dificultada por uma interiorização acrítica de normas (heteronômicas)<sup>6</sup>, pois nesse caso o sujeito só se reconhece através de um projeto que seja baseado em

relações de dominação, fato esse que pode ser observado nos resultados do modelo apresentado, visto que a Autonomia apresentou forte correlação com comportamentos pró-sociais quando mediada pela Orientação Esportiva.

A escolha das variáveis Autonomia, Orientação Esportiva e Comportamentos Pró e Antissociais foi realizada seguindo informações teóricas e não representam as únicas variáveis possíveis a serem utilizadas para tal finalidade. Mas apresentam elementos que possibilitaram uma maior compreensão da moral no contexto esportivo, pois foram identificados valores elevados de autonomia, julgamento independente, respeito às regras, convenções sociais e comportamentos pró-sociais entre os atletas, com baixos valores de comportamentos antissociais confirmando a hipótese de que uma moral pós-convencional no esporte associada a um movimento autônomo perpassa uma orientação positiva da prática esportiva.

O estudo apresenta algumas limitações que precisam ser delimitadas. A primeira delas diz respeito aos participantes da pesquisa, tendo em vista que não são atletas de uma mesma modalidade. O ambiente em que estão inseridos faz diferença, portanto, este modelo deve ser testado, em pesquisas futuras, com atletas de apenas uma modalidade, levando em consideração também o nível de desenvolvimento atlético em que os atletas se encontram.

Outro ponto a ser destacado é a dificuldade em se encontrar instrumentos confiáveis que pudessem representar de forma fidedigna o conceito de competência moral. Motivo este que levou a verificação do modelo por meio do uso de instrumentos que pudessem gerar variáveis com significado próximo ao que o conceito exige. Além disso, dois dos instrumentos utilizados estão em processo de validação para a língua portuguesa do Brasil.

## CONCLUSÃO

Conclui-se que o Modelo Explicativo proposto nesse estudo, tendo o contexto esportivo como mediador da relação entre a percepção da autonomia e os comportamentos pró-sociais, apresentou resultados satisfatórios quando voltados à realidade.

Especificamente para o contexto esportivo, verificou-se que a autonomia exerce influência positiva sobre a orientação esportiva do atleta, levando-o à maior capacidade de comportar-se de forma pró-social, ou seja, quanto mais o atleta se percebe como um sujeito direcionado à busca de autonomia, maior será sua capacidade de emitir

orientações morais consideradas positivas em sua prática, o que resulta comportamentos pró-sociais direcionados tanto aos companheiros de equipe quanto aos adversários.

Em vista disso, constata-se que a busca dos atletas por autonomia foi melhor compreendida quando mediada pelas orientações morais presentes no contexto em que esses sujeitos estão inseridos. Os resultados são interessantes, porém não esgotam as discussões acerca da temática. Poucos estudos foram realizados no Brasil sobre esse tema e os esportes individuais também foram pouco explorados, por isso estudos futuros são necessários para a melhor abrangência científica dessa área do conhecimento.

## REFERÊNCIAS

- 1 Ciampa, A. C. A. Estória do Severino e a história da Severina: um ensaio de psicologia social. 1 ed. São Paulo: Brasiliense; 2009.
- 2 Marinho, V. O Esporte pode tudo. 1 ed. São Paulo: Cortez; 2009.
- 3 Corrion, K., Long, T., Smith, A. L. "It's Not My Fault; It's Not Serious": Athlete Accounts of Moral Disengagement in Competitive Sport. *The Sport Psychologist*. 2009; 23(3):388-404.
- 4 Bonin, L. F. R. Indivíduo, cultura e sociedade. In: Strey, M. N., et al. *Psicologia social contemporânea*. Petrópolis: Vozes; 1998.
- 5 Berger, P. L. E Luckmann, T. A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento. 34 ed. Petrópolis: Vozes; 2012.
- 6 Habermas, J. Para a reconstrução do materialismo histórico. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 2. ed. São Paulo: Brasiliense; 1990.
- 7 Côté, J. The influence of the family in the development of talent in sport. *The Sport Psychologist*. 1999; 13(1):395-417.
- 8 Weiss, M., Bredemeier, B. J. L. Moral development in sport. *Exercise and Sport Science Reviews*. 1990; 18(1):331-78.
- 9 Koller, S. H.; Bernardes, N. M. G. Desenvolvimento moral pró-social: semelhanças e diferenças entre os modelos teóricos de Eisenberg e Kohlberg. *Estudos de Psicologia*. 1997; 2(2):223-62.
- 10 Kohlberg, L. *Essays on moral development: the philosophy of moral development*. San Francisco. Harper & Row. 2014; 10(2):404-6.
- 11 Kohlberg, L. Development of moral character and moral ideology. In M. L. Hoffman & L. W. Hoffman (eds.), *Review of Child Development Research*, 1964; (1):212-321.
- 12 Corbière, M.; Larivière, N. *Méthodes qualitatives, quantitatives et mixtes: dans la recherche en sciences humaines, sociales et de la santé*. 1 ed. French Edition; 2014.
- 13 Ng, J. Y. Y.; Lonsdale, C.; Hodge, K. The Basic Needs Satisfaction in Sport Scale (BNSSS): instrument development and initial validity evidence. *Psychology of Sport and Exercise*. 2011; 12(3):257-64.
- 14 Boardley, I. D., Kavussanu, M. The influence of social variables and moral disengagement on pro-social and antisocial behaviours in field hockey and netball. *Journal of Sports Sciences*, 2009; 27 (8):843-54.
- 15 Cohen, J. *Statistical power analysis for the behavioral sciences*. 2 ed. Second Edition; 1988.
- 16 Byrne, B. M. *Structural equation modelling with AMOS: Basic concepts, applications, and programming* 2 ed. New York: Routledge; 2013.
- 17 Marôco, J. *Análise de Equações Estruturais: Fundamentos teóricos, Software e Aplicações*. Pêro Pinheiro: Report Number; 2010.
- 18 Bataglia, P. U. R. A. Validação do Teste de Juízo Moral (MJT) para diferentes culturas: o caso brasileiro. *Psicologia Reflexão e Crítica*. 2010; 23(1):83-91.
- 19 Habermas, J. A. *Ética da discussão e a questão da verdade*. 3 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes; 2013.
- 20 Kavussanu, M. Motivational predictors of prosocial and antisocial behaviour in football. *Journal of Sports Sciences*. 2006; 24 (6): 575-588.
- 21 Ciampa, A. C. Políticas de identidade e identidades políticas. In: Dunker, C. I. L. & Passos, M. C. (orgs.). *Uma psicologia que se interroga, ensaios*. 1 ed. São Paulo: Edicon; 2002.

- 22 Mouratidou, K. Determinants of athletes' moral competence: the role of demographic characteristics and sport - related perceptions. 2017; 20(7):802-15.
- 23 Kavussanu, M. Toward an understanding of transgressive behavior in sport: Progress and prospects. *Psychology of Sport and Exercise*, 2019, 42:33-9.
- 24 Jalleh, G., Donovan, R. J., Jobling, I. Predicting attitude towards performance enhancing substance use: a comprehensive test of the sport drug control model with elite Australian athletes. *Journal of Science & Medicine in Sport*. 2014; 17 (6):574-9.